



GT 38. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Coordenador(es):

Edward John Baptista das Neves MacRae (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Regina de Paula Medeiros (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos- éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

Mestres beberrões na Jurema Santa e Sagrada da Casa de Mestre Carlos (Extremoz ?RN): epistemologia do sul no uso e circulação de drogas

Autoria: Janaína Alexandra Capistrano da Costa (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Jurema é palavra que carrega em seu bojo uma profusão de significados, espécie vegetal, entidade espiritual, cidade sagrada no além, vinho sagrado, benção e substância psicotrópica, dentre outros. No campo das ciências sociais a Jurema tem sido estudada como culto popular de origem ameríndia cujo ritual, a despeito da grande variação de formato, gira em torno do consumo de uma bebida com propriedades psicoativas preparada a partir da junção de pedaços de casca do arbusto chamado jurema e outros elementos que também podem variar de acordo com cada grupo que dela faz uso. Entretanto, além do vinho da jurema outras substâncias podem fazer parte da trama ritual de cada casa ou terreiro, tais como o tabaco, que ocupa um lugar protagonista, o rapé ?como testemunhou Câmara Cascudo- e as bebidas alcoólicas, principalmente o vinho de uva. No espaço sagrado aonde são celebrados os rituais, nenhum desses usos é fortuito, mas ao contrário, faz parte de um sistema de crenças que atua no controle dessa prática e direciona sua força e poder. Esta pesquisa se deteve no uso da bebida alcoólica e seus significados praticados por um grupo específico situado no nordeste brasileiro, procurando compreender como o controle sagrado dialoga com o papel profano que cumpre tal substância constituindo-se em contraponto a este, mas sem se opor ao mesmo ou execrá-lo. Após diversas incursões etnográficas ao longo de quase uma década, o material colhido revelou a relação com uma categoria espiritual, os chamados Mestres Beberrões, especializados em lidar com a dualidade sério-jocoso, doença-cura e discernimento-embriaguez. Sua forma de atuar e interagir com o público assistente, ou com os próprios adeptos, e especialmente suas cantigas características demonstram como o trânsito constante entre essas dualidades contém lições de conduta para a vida cotidiana de todos os presentes. Dessa forma, o ritual da Casa de Mestre Carlos dialoga com o problema do álcool na sociedade contemporânea e sugere formas de mitigação do mesmo.

[Trabalho completo](#)



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



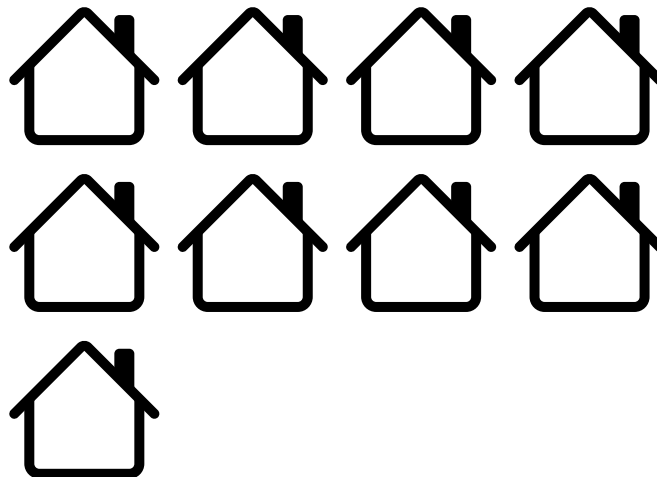
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: